

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

JANAÍNA FRANCIELE PEZZOTI

**ABORDAGEM CENTRADA NO ALUNO: CONTRIBUIÇÕES DA
PSICOLOGIA E DA LUDOTERAPIA NA APRENDIZAGEM ESCOLAR**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2018

JANAÍNA FRANCIELE PEZZOTI



**ABORDAGEM CENTRADA NO ALUNO: CONTRIBUIÇÕES DA
PSICOLOGIA E DA LUDOTERAPIA NA APRENDIZAGEM ESCOLAR**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo UAB do Município de Umuarama-PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof.^o Dr. Neron Alipio Cortes Berghauer

MEDIANEIRA



2018

Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do
Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de
Ensino



TERMO DE APROVAÇÃO

Abordagem Centrada no Aluno: Contribuições da Psicologia e da Ludoterapia na
Aprendizagem Escolar

Por

Janaína Franciele Pezzoti

Esta monografia foi apresentada às **20h30min do dia 15 de junho de 2018** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino – Polo de Umuarama, PR, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho foi aprovado.

Prof. Dr. Neron Alipio Cortes Berghauser
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientador)

Prof^a Dra. Neusa Idick Scherpinski
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Ma. Magela Reny Fonticiella Gomez
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Ma. Marlene Magnoni Bortoli
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso-

Dedico esse estudo aos alunos que fizeram parte dessa construção interventiva, e aos seus familiares que concordaram com minha proposta de estudo. Não posso deixar de dedicar aos

professores e a equipe pedagógica, que ficaram entusiasmados com a pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui não foi fácil, mas a caminhada se torna amena quando temos ao nosso lado pessoas que amamos.

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos, me dando força e saúde para concluir mais uma etapa importante na minha vida.

Aos meus pais, Elizete e Paulo, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

Ao meu marido Eduardo Guerrer por acreditar no meu potencial, estando sempre do meu lado, e compreendendo minha ausência devido à dedicação desse estudo.

Ao meu orientador professor Dr. Neron Alípio Cortes Berghauser pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa, e por ter demonstrado ser uma pessoa compreensível, respeitando as minhas dificuldades.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira. Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Agradeço a Secretaria Municipal de Educação e Cultura, da cidade de Maria Helena – PR, que aceitou a minha pesquisa a ser realizada em uma das escolas da Rede Municipal de Ensino.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

Assim, o primeiro e mais simples sentimento que quero compartilhar com você é a minha satisfação quando consigo realmente escutar alguém. Creio que essa tem sido

uma característica antiga em mim. (CARL ROGERS).

RESUMO

PEZZOTI, Janaina Franciele. **Abordagem centrada no aluno: contribuições da Psicologia e do ludo terapia na aprendizagem escolar**. 2018. 53f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

Este trabalho teve como temática a contribuição da psicologia e do ludo terapia no setor educacional, evidenciando técnicas e métodos eficazes da abordagem centrada no aluno, teoria da Psicologia humanista de Carl Rogers no processo ensino-aprendizagem. Essa prática de olhar o indivíduo como um todo em seu contexto escolar, exija que conheçamos todos os ambientes em que a criança esteja inserida, como uma maneira de compreendermos as dificuldades de aprendizagem, estando isentas de julgamentos. Em relação ao fracasso escolar, na maioria das vezes a responsabilidade é imposta somente no aluno, estando à escola acompanhada de julgamentos em relação ao aprender da criança. Para isso a escola necessita desempenhar o seu olhar em estar centrada no aluno, e obter o professor as atitudes facilitadoras levantadas por Rogers em seu estudo da Psicologia Humanista, sendo este professor autêntico na relação com o aluno, acolher de modo incondicional a criança, aceitando as suas dificuldades e se colocar no lugar do outro na relação interacional. Uma prática que contribui para o fortalecimento do processo ensino-aprendizagem é a ludicidade, em que o brincar é considerado um espaço de interação da criança com o seu meio social, permitindo que a expressão aconteça com mais facilidade em relação aos seus sentimentos, angústias, facilitando na compreensão do processo ensino-aprendizagem, sendo esta uma prática considerada enriquecedora no trabalho com crianças em desenvolvimento. Ainda se tem uma resistência muito grande em relação ao lúdico no setor educacional, não tendo o professor uma ideia fixa do que vem a ser a relação da aprendizagem da criança com o lúdico e o que essa prática venha contribuir.

Palavras-chave: Psicologia humanista. Brincar terapêutico. Atitudes facilitadoras.

ABSTRACT

PEZZOTI, J. F. **Student-centered approach: contributions of Psychology and play therapy in school learning**. 2018. 53f. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

This work had as its theme the contribution of psychology and play therapy in the educational sector, highlighting techniques and effective methods of the student-centered approach, Carl Rogers's humanistic theory of psychology in the teaching-learning process. This practice of looking at the individual as a whole in his or her school context requires that we know all the environments in which the child is inserted, as a way of understanding learning difficulties, and are free from judgments. In relation to school failure, most of the time responsibility is imposed only on the student, being at school accompanied by judgments regarding the child's learning. In order to do this, the school needs to look at being centered in the student, and to obtain the teacher the facilitating attitudes raised by Rogers in his study of Humanistic Psychology, being this authentic teacher in the relation with the student, accepting unconditionally the child, accepting their difficulties and put themselves in the other's place in the interactional relationship. One practice that contributes to the strengthening of the teaching-learning process is playfulness, in which play is considered a space for interaction between the child and his social environment, allowing the expression to happen more easily in relation to his feelings, anguish, facilitating the understanding of the teaching-learning process, being a practice considered enriching in the work with children in development. There is still a great resistance to the playful in the educational sector, and the teacher does not have a fixed idea of what the relationship between the child's learning and the play is, and what this practice contributes to.

Keywords: Humanistic psychology. Therapeutic play. Facilitating attitudes.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
2.1 A PSICOLOGIA NO AMBIENTE EDUCACIONAL.....	12
2.2 PSICOLOGIA HUMANISTA.....	13
2.3 ATITUDES FACILITADORAS.....	15
2.4 ABORDAGEM CENTRADA NO ALUNO E NA APRENDIZAGEM.....	18
2.5 BRINCAR TERAPÊUTICO.....	19
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
3.1 LOCAL DA PESQUISA.....	22
3.2 TIPO DE PESQUISA.....	23
3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA.....	23
3.4 COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....	23
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	36
APÊNDICES.....	40

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema principal os estudos envolvidos na Psicologia e Ludo terapia como técnicas eficazes para o aprimoramento do processo ensino-aprendizagem das crianças em desenvolvimento, visando pelo seu sucesso escolar. Este estudo conta com a contribuição do psicólogo escolar, que tem como atribuição compreender o funcionamento do setor educacional no todo, visando às relações interpessoais envolvidas nesse contexto, bem como entender os fatores que podem interferir no processo ensino-aprendizagem, buscando por intervenções que propiciem a promoção da saúde no setor educacional.

As técnicas desenvolvidas se deram da base teórica da psicologia humanista de Carl Rogers, inserida na abordagem centrada na pessoa, considerada uma relação de ajuda por favorecer que o indivíduo conquiste o seu crescimento pessoal, maturidade, se fortalecendo para enfrentar a vida. Com isso, o objeto de estudo da pesquisa consiste na teoria da visão de abordagem centrada na pessoa, em que retrata que o próprio sujeito necessita e tem capacidade de criar a sua autonomia, para atingir seu crescimento pessoal. Essa abordagem, além de funcionar no setting terapêutico, numa relação cliente e terapeuta, se estende no âmbito escolar, na relação professor-aluno, desenvolvendo um olhar centrado no aluno em seu processo ensino-aprendizagem.

O olhar do setor educacional necessita estar focado no aluno, que vem a contribuir na compreensão do aluno como um todo, dispensando os julgamentos em relação ao seu aprendizado. O fracasso escolar é colocado como responsabilidade somente no papel do aluno, tendo participação do seu contexto familiar e da própria instituição de ensino. A família é compreendida como primeira instância social, pois é no seio familiar que a criança adquire suas interações sociais. A família não tem caminhado junto com o setor educacional, não acompanhando este processo ensino-aprendizagem dos alunos, causando na criança sentimento de insegurança. A criança se sente segura quando percebe que o seu contexto familiar tem se preocupado com a sua aprendizagem.

A relação professor-aluno também contribui para o aprimoramento do processo ensino-aprendizagem do aluno, fazendo que este alcance o seu sucesso escolar. Porém, a escola tem adotado práticas de julgamentos em relação ao aluno

não visando na sua construção participativa e nem na sua formação crítica. Em muitos casos, aponta críticas em relação ao seu aprender, colocando essa responsabilidade somente ao aluno. O professor necessita focar o seu olhar no aluno, desempenhando o seu papel na autenticidade, permitindo que o aluno adquira confiança nessa relação, além de acolher e aceitar incondicionalmente o aprendiz da maneira como ele é, aceitando até mesmo as suas dificuldades. Ao aceitar suas limitações, o professor estará desempenhando o seu olhar empático, se colocando no lugar do outro, facilitando a sua intervenção para sanar essas dificuldades.

Quando o trabalho está voltado com crianças em desenvolvimento não podemos deixar de inserir as técnicas lúdicas, sendo que a ludicidade permite que o indivíduo expresse com mais facilidade seus sentimentos. O brincar tem estado distante da criança, tanto no seu meio familiar, quanto no setor educacional. Nas salas de aula, alguns professores não acreditam no potencial que o lúdico pode promover a criança, sendo vista como uma prática não condizente do sucesso escolar. A prática do lúdico pode ser considerada como uma relação de ajuda para a criança, em que proporciona trocas de experiências, que venha a sua autonomia, além do seu eu pessoal, além do mais como uma intervenção facilitadora pra o seu meio social.

No entanto, esta pesquisa teve como objetivo descrever as contribuições da psicologia humanista inserida numa visão da abordagem centrada no aluno, utilizando a ludo terapia como intervenção no processo de ensino-aprendizagem, como também analisar as contribuições das atitudes facilitadoras no processo educacional, discutir como a abordagem centrada no aluno favorece a constituição da sua autonomia e o seu crescimento pessoal, e comparar os resultados positivos e negativos do processo ensino-aprendizagem do aluno antes e depois das técnicas aplicadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A PSICOLOGIA NO AMBIENTE EDUCACIONAL

A lei nº 4.119 de 1962 contribuiu para que a Psicologia no Brasil fosse reconhecida enquanto profissão, regulamentando a atuação do psicólogo, e adquirindo esse direito somente aos profissionais habilitados em exercê-la, estando estes regidos de diploma superior reconhecidos pelo Ministério da Educação e Cultura, e licenciados pelo Conselho, órgão regional competente pela profissão (BRASIL, 1962). A mesma lei responsabiliza o profissional a somente utilizar práticas que são reconhecidas pela Psicologia, sendo instrumentos privativos do profissional, como também métodos e técnicas eficazes, não promovendo prejuízo ao outro (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002).

Santos, Lopes e Rocha (2013) corroboram com essa ideia, e ainda complementam que a ciência psicológica conquistou seu espaço em um campo amplo de trabalho, indo além da visão individual na intervenção clínica, sendo que, mesmo o profissional de psicologia ser muito procurado para direcionar o seu olhar em diversos campos de intervenção, essa profissão ainda é vista alienada somente com intervenções de práticas clínicas (ANDRADA, 2005a).

Como o trabalho do psicólogo vem conquistando seu espaço em um vasto campo de trabalho especificará nesta pesquisa, o trabalho da psicologia no ambiente educacional inserida numa abordagem humanista. O psicólogo escolar tem como atribuição compreender o funcionamento do setor educacional como um todo, visando às relações interpessoais envolvidas nesse contexto – corpo docente, comunidade, família, corpo discente – bem como entender os fatores que podem interferir no processo ensino-aprendizagem, objetivando intervir e propiciar a promoção de saúde no setor educacional (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002; SANTOS; LOPES; ROCHA, 2013). Além do mais, o psicólogo educacional é considerado um agente de mudanças, e necessita de um olhar de pesquisador, observador, trabalhando com ensino e pesquisa, avaliações e análises, com intuito de buscar por novas formas de intervenções em sua prática que venha a colaborar

no processo ensino- aprendizagem (ANDRADA, 2005b; CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2007).

2.2 PSICOLOGIA HUMANISTA

Segundo Boainain Jr. (1998), a psicologia humanista surgiu no final da década de 1950 e início de 1960, como uma reação da psicologia norte-americana, composta a duas grandes forças, sendo o Behaviorismo e a Psicanálise Clássica. Esse surgimento se deu por meio dos trabalhos realizados por Abraham Maslow e Anthony Sutich, passando o movimento humanista a ser reconhecido como a terceira força da Psicologia.

Para melhor compreender esse processo de construção dessa teoria, Maslow na década de 1950, sendo psicólogo experimental e professor de Psicologia em uma Universidade de Brandeis, obteve dificuldade em publicar suas obras por serem diferentes da linha de pensamento da maioria das revistas técnicas de Psicologia, pois seus poucos interesses afinados confrontava a influência psicanalítica em meios clínicos e, esse confronto pretendia levá-lo ao isolamento profissional e intelectual, já que o mesmo tratava de assuntos referentes à saúde psicológica, tema esquecido tanto pela Psicanálise como para o Behaviorismo (BOAINAIM JR., 1998).

Já Anthony Sutich, psicólogo, no final dos anos 40 conheceu Maslow e nos anos 50, tornou-se colaborador intenso na discussão de novas ideias, vindo a ter um papel importante no movimento humanista, após fundar uma revista própria, intitulada “Revista de Psicologia Humanística”, em 1961. No ano de 1963, a revista de psicologia humanística obteve sucesso, levantando outros temas que enfatizavam a saúde, o bem-estar, o potencial humano para o crescimento e a autorrealização (BOAINAIM JR., 1998).

Justo (1987) cita que Rogers ao descrever sobre tendências presentes no desenvolvimento do homem, ressalta que a autorrealização, direciona a evolução do organismo no sentido da autonomia. O self se apresenta como um todo organizado de percepções, sentimentos, valores que o indivíduo acredita ser exclusivamente

seu, estando este referido à autoimagem ou conscientização de si mesmo e tem como resultado a diferenciação das experiências do organismo total do indivíduo, pois um dos aspectos centrais é o crescimento pessoal.

Com isso, a psicologia humanista ao rejeitar quaisquer concepções elementaristas e fragmentadoras da psique, assume a inevitável adoção de um modelo otimista de homem, evidenciando que os potenciais se manifestam através da valorização com a própria essência da natureza humana, passando esse homem a ser visto como um ser todo complexo e integrado, por ser um produtor de sua história, e compreender que cada pessoa possui um potencial para obter o seu próprio crescimento (BOAINAIN JR., 1998).

Segundo Justo (1987) corrobora com o autor descrito acima, especificando que na teoria de Carl Rogers, o organismo possui uma tendência realizadora, onde o homem é considerado como um indivíduo em sua totalidade e o mesmo consiste em uma busca constante para manter e melhorar esse organismo, ao estar focado nas experiências e nas suas potencialidades, já que cada indivíduo vive num mundo de experiências, e mesmo estas sendo essencialmente iguais, sempre apresentam aspectos novos.

Segundo Freire e Tambara (2007, p.50) “todo ser humano possui uma força interna de crescimento, de integração e de socialização que está sempre presente, mesmo quando suas atitudes e o seu comportamento tornam-se destrutivos ou antissociais”. Barbosa e Barros (2016) além de concordar com a citação acima, explicitam que a teoria humanista não adota uma intervenção diretiva, por confiar que o indivíduo constrói seu próprio caminho de construção da persona, cabendo ao terapeuta somente intervir de forma que promova o crescimento pessoal do indivíduo.

Diante dessa virtude em ver o homem como um construtor de sua história e até mesmo conquistador de sua potencialidade, Carl Rogers, em 1970, adotou-se a abordagem ACP (Abordagem Centrada na Pessoa), como uma das principais vertentes da psicologia humanista, ao constatar que o ser humano possui internalizados, recursos para compreender-se a si próprio, construindo o seu autoconhecimento (SANTOS *et al*, 2004), além disso, o indivíduo se vê em uma busca incessante para conquistar sua construção integral por meio de sua autorrealização (FREIRE IN KLÖCKNER, 2009).

Rogers (2009), expressa que a relação de ajuda na Abordagem Centrada na Pessoa proporciona para o outro o crescimento pessoal, a maturidade e uma capacidade maior de enfrentar a vida. Devido a isso, o terapeuta, independente do âmbito em que atua, tem a necessidade de ajudar o outro a obter esse crescimento pessoal, fazendo-se que o mesmo se sinta aceito no processo terapêutico para conquistar tal mudança. O autor supracitado menciona que a Abordagem Centrada na Pessoa propõe uma relação de ajuda em outros âmbitos, sendo eles: mãe e filho, professor e aluno, médico e paciente. Porém, a relação terapeuta-cliente aplica-se como um todo, ou seja, na orientação educacional, na vocacional e no aconselhamento pessoal.

De acordo com Corrêa in Klöckner (2009), Rogers propunha técnicas para estabelecer ao seu cliente a relação de ajuda, devendo o contato consistir em um conjunto de atitudes relativas ao ser humano e não na aplicação de conhecimentos ou habilidades. Portanto, é indispensável à presença das atitudes facilitadoras, pois, as mesmas oferecem ao ser humano um sentimento de potencialização, atingindo o seu crescimento pessoal (SANTOS *et al.*, 2004).

Essa relação tem como objetivo facilitar o crescimento através das atitudes facilitadoras, estabelecendo a confiança na mudança do cliente, propiciar segurança para o mesmo e oferecer uma escuta terapêutica (ROGERS, 2009). Continuando a linha de pensamento, Rogers (1983) ressalta que essas atitudes são consideradas facilitadoras, pois, tem como objetivo promover um clima facilitador e, além do mais, as mesmas proporcionam mudanças na personalidade e no comportamento. Sendo assim, essas atitudes podem ser trabalhadas da mesma forma em qualquer relação construída através de uma vinculação entre terapeuta-cliente, professor-aluno, pais-filhos, líder-grupo, administrador e equipe.

2.3 ATITUDES FACILITADORAS

A abordagem centrada na pessoa, estando inserida na teoria da psicologia humanista, conta com três atitudes facilitadoras para levar o indivíduo se ver como um ser potencial, sendo estas: Autenticidade, aceitação incondicional e empatia.

Gusmão (1999) menciona que o papel do terapeuta é proporcionar ao seu cliente a escuta terapêutica, para que o mesmo possa se sentir acolhido. Importante destacar que nessa escuta, o terapeuta deve ser transparente, acolhedor e ter empatia nos conteúdos trazidos pelo cliente na sessão terapêutica. As atitudes facilitadoras no papel terapêutico é estabelecer ao cliente um clima de facilitação para o crescimento pessoal, confiança e segurança, sendo que, essa segurança contribui para a diminuição das suas angústias e defesas.

A autora acima ressalta que para ter a oportunidade de um clima de segurança e confiança, o terapeuta precisa antes de tudo, estar inteiro na relação, assim como, aberto para si e para o outro. Estar inteiro na relação pode indicar um ato de amor. Dessa forma, para conseguir estar na relação como um todo, o terapeuta é preciso estar consciente dos seus limites para constituir tanto um clima facilitador, quanto proporcionar a mudança do cliente.

Para Rogers (1983) a primeira atitude facilitadora é a autenticidade, sendo válido ressaltar que nessa atitude é importante que o terapeuta seja ele mesmo, se mantendo inteiro na relação com o outro, em que visa proporcionar ao mesmo uma maior tendência construtiva de crescer e mudar, visto que, quando se fala em um ser autêntico, isso especifica um ser transparente, verdadeiro, sem máscaras.

Freire e Tambara (2007) corroboram com a ideia do autor supracitado ao destacar que desde o surgimento da Abordagem Centrada na Pessoa, Rogers de forma perceptiva teve a conclusão que a relação do terapeuta para com o outro devem ser autênticas e, não estabelecer presenças de “fachadas”, pois, o terapeuta precisa ser verdadeiro e ter confiança no processo do crescimento pessoal do indivíduo. Para Rogers (2009) a presença de “fachadas” era uma atitude sem utilidade para os seus esforços, não estabelecendo relações construtivas com o seu meio, bloqueando a construção de vínculos.

Devido a isso, Rogers (2009) complementa que o terapeuta ao acreditar no crescimento pessoal do outro, promoverá um sentimento de confiabilidade mútua, e não haverá hesitação da parte do outro se expressar e falar com mais facilidade dos seus sentimentos. Além do mais, especifica que se não houver essa troca de confiança, permite que a congruência tenha uma redução, desencadeando um insucesso da aprendizagem significativa e do crescimento pessoal. Diante disso, Freire in Klöckner (2009) considera que a autenticidade é um acordo estabelecido

entre a consciência do ser humano, seu autoconceito e suas experiências simbolizadas.

A segunda atitude facilitadora a ser discutida por Rogers é a aceitação incondicional, sendo salientada como uma atitude que proporciona um clima de crescimento na relação terapêutica, permitindo que o outro seja ele mesmo, facilitando na expressão dos sentimentos, havendo um contato bem-sucedido. (ROGERS, 1983).

Diante disso, Santos *et al.*, (2004) além de corroborarem com a ideia do autor supracitado, também acrescentam que essa incondicionalidade permite que o outro seja ela mesma na relação estabelecida com o outro, independente dos seus erros, dos seus valores e suas crenças, independente do que essa pessoa fez no passado, enfim, o outro é aceito e amado por meio de sua essência, visto que, Rogers (2009) ressalta em seu livro “Tornar-se pessoa” que todo ser humano tem a necessidade dessa aceitação e, a partir do momento que esse indivíduo é aceito, o mesmo consegue propiciar sua autorrealização. Além do mais, Carrenho (2005) em seu livro “Raiva seu bem, seu mal”, ressalta que “quando não somos acolhidos ou não podemos expressar nossos sentimentos – sejam eles prazerosos ou desconfortáveis -, principalmente na infância, poderemos amortecer e bloquear o desenvolvimento do lado emocional” (p. 15).

Contudo, Rogers (2009) pronunciava que a aceitação incondicional é entendida como uma preocupação calorosa que o terapeuta tem em relação ao outro e esse mesmo autor ainda descrevia que o terapeuta deve aceitar tanto as expressões negativas, os sentimentos maus como também, as expressões dos sentimentos bons.

Por fim, a terceira e última atitude facilitadora é a empatia, que Rogers (1983) destaca como um momento mágico na relação estabelecida entre duas pessoas, pois é o momento em que os sentimentos e os significados pessoais são captados através de uma vivência experienciada pelo outro no aqui-e-agora, e adotados pelo terapeuta como se esses sentimentos e significados fossem seus, ou seja, Rogers (2009) salienta que o terapeuta pode passar a sentir a angústia que o outro esteja sentindo, mas ao mesmo tempo necessita esclarecer conscientemente de que aquela angústia é pertencente ao outro e não sua.

Freire e Tambara (2007) ainda sobre as atitudes facilitadoras descrevem que suas abordagens e intervenções eliciam a uma comunicação entre duas

peças, não sendo enfatizada somente no verbal e sim, nos gestos, postura, olhar, etc.

2.4 ABORDAGEM CENTRADA NO ALUNO E NA APRENDIZAGEM

Na abordagem centrada no aluno, o professor possui um papel de suma relevância, que quando está acompanhado do prazer em estar ensinando e contribuindo para a formação dos conhecimentos, o mesmo desempenha uma atuação facilitadora, promovendo motivação e crescimento pessoal dos alunos (BARBOSA e BARROS, 2016; WEISS, 2001). Além disso, o professor necessita compreender que atitudes contrárias, como o seu não comprometimento como papel de educador, elicia nos alunos sentimentos de desmotivação (CAMARGO e COSTA, 2009).

Rogers (2009) em seu livro “*Tornar-se pessoa*” retrata que a aprendizagem se torna significativa quando tem capacidade de provocar no outro, transformação quer sejam estas nos aspectos comportamentais, decisões ou em seus traços da personalidade. Devido a isso, a aprendizagem centrada no aluno necessita desenvolver um olhar mais voltado nos aprendizes, tendo o professor o papel de acreditar fielmente no progresso educacional dos seus alunos; porém em muitas situações, esse olhar se destina com maior intensidade na figura do professor, estando este preocupado somente com métodos e técnicas pedagógicas eficazes, esquecendo-se dos conteúdos internos do aluno (DOXSEY, 2009; ROGERS, 2009).

A escola necessita ter um cuidado de não julgar o aluno em seu processo de aprendizagem, sendo que na maioria dos casos essa responsabilidade do não aprender é imposto ao aluno (WEISS, 2001), sem considerar que a escola e o professor necessitam ter uma visão de que nem todos os alunos se adequem aos materiais propostos, tendo a necessidade de trabalhar o diferenciado, que tem como objetivo auxiliar o aluno em seu processo ensino-aprendizagem (CAMARGO; COSTA, 2009).

Com isso, para haver facilitação no processo ensino-aprendizagem, a relação professor-aluno também deve estar baseada nas atitudes facilitadoras,

necessitando o professor ser autêntico (estabelecendo um vínculo confiável com seus alunos); aceitar o aluno incondicionalmente (não conter julgamentos nessa relação) e ser empático (conhecer as angústias, medos, dificuldades, se colocando no lugar do outro) (ROGERS, 2009).

Quando o nosso trabalho tem como enfoque o setor educacional e a criança em seu desenvolvimento, precisamos estar conscientes de que a nossa intervenção não se deve estar pautada somente em sua dinâmica familiar, e sim em sua totalidade, como também precisamos estar conscientes de que o trabalho desenvolvido com a criança aprendiz não é um trabalho fácil, necessitando muito da nossa intervenção livre de julgamentos (CÔRREA *in* KLÖCKNER, 2009).

As intervenções educacionais no processo ensino-aprendizagem centrado no aluno – inseridas na ludicidade – contribuem de forma positiva para a construção do eu, tendo a necessidade de a escola compreender que as brincadeiras favorecem para que a criança desenvolva o seu crescimento pessoal e colabora para o seu nível de socialização (SILVANA e OLIVEIRA, 2017).

As autoras supracitadas ainda ressaltam que os ambientes escolares possuem muitas dificuldades em propiciar técnicas lúdicas para o aprimoramento da aprendizagem da criança em desenvolvimento, ou simplesmente, por acharem que a ludicidade seja uma prática inadequada.

2.5 BRINCAR TERAPÊUTICO

De acordo com Corrêa (2000, p.12) “o processo terapêutico com uma criança se constitui em um acompanhamento, em que a mesma vive a possibilidade, de um modo cada vez mais pleno, de expressar a sua potencialidade em harmonia com a tendência direcional ao crescimento pessoal”.

Corrêa *in* Klöckner (2009) ressalta que a ludo terapia é denominada uma relação de ajuda, em que à criança vinculada ao outro, estabelecem trocas de experiências, vindo a desenvolver a sua autonomia, além do seu eu pessoal, facilitando a sua socialização, enfim, capazes de propiciar direções criativas, já que

a teoria da “Ludo terapia é um método de ajudar as crianças a se ajudarem” (AXLINE, 1946 *apud* CORRÊA *in* KLÖCKNER, 2009, p. 42).

O brincar é simbolizado pela criança não somente por brinquedos, mas qualquer objeto que funcione como técnicas que venham a explorar a sua criatividade, imaginação, tendo a criança no brincar a facilidade em elaborar através das técnicas projetivas seus sentimentos e suas percepções, além de suas angústias (CORRÊA *in* KLÖCKNER, 2009), pois o “Brincar serve como uma linguagem, que transmite informações, sem necessariamente, utilizar palavras” (AXLINE, 1947 *apud* CORRÊA *in* KLÖCKNER, 2009, p. 46).

Segundo Oaklander (1980, p.185), o brincar serve como uma linguagem para a criança simbolizar a substituição das palavras, fazendo com que a mesma demonstre aquilo que é incapaz de expressar verbalmente, utilizando deste modo à brincadeira para tornar semelhante aquilo que experiência, pois, “o modo como a criança brinca conta muita coisa sobre a sua forma de ser na vida”.

No livro *Dibs em busca de si mesmo*, conta a história de uma criança que vivia num embotamento social, por não conseguir manter relações sociais, prática não estabelecida em casa pelos pais, tendo dificuldade de se desenvolver na escola, mas que através da prática lúdica desenvolvida pela professora, a criança resgatou novamente o desejo de viver, e queria cada vez mais descobrir o mundo de sua maneira. Nessa mesma obra, Axline (2003, p.26) ressalta que o processo de desabrochamento só se torna compreendido a partir da experiência própria de procurar e encontrar a si mesmo, sendo que, partindo disso, “se aceita que cada personalidade tenha o seu mundo muito particular de significações, gerado na integridade de sua estória, mesmo não se dispondo de elementos para explicar as razões de ser de cada um”.

De acordo com Oaklander (1980), o brincar é proveitoso em todos os âmbitos, não estando fixada somente no processo terapêutico, pois o brincar é compreendido como um momento divertido em que a criança pode construir vínculos com o seu meio social, facilitando a expressão dos seus sentimentos e pensamentos.

Axline (1972) destaca que as sessões de ludo terapia referente aos problemas de aprendizagem se mostram de maneira eficaz para resolver esses problemas e dificuldades, compartilhando para a criança atividades para explorar seus sentimentos, libertar suas emoções, sendo que, ao término das sessões, as

mesmas conseguem alcançar maturidade suficiente para a realização dos trabalhos escolares.

Pode-se dizer que essa abordagem centrada na pessoa, também pode estar envolvida no ambiente educacional, com o olhar centrado no aluno, visando para um caminho facilitador no processo ensino-aprendizagem, em que aluno e professor possam se descobrir juntos, permitindo que ambos vivessem intensamente as descobertas desse processo (ROGERS, 1985).

Com isso, se faz presente nessa relação às atitudes facilitadoras descritas no tópico acima, permitindo que no âmbito escolar, os adultos compreendam e acreditem no potencial e no processo construtivo da criança, objetivando uma progressão das experiências educacionais. É importante ainda ressaltar que nessa relação à conduta tende a ser não diretiva, permitindo que o indivíduo saiba conduzir o seu caminho, e ir à busca do seu sucesso, despertando a sua motivação e o desejo de aprender algo naquele momento, sendo o professor visto como um facilitador desse aprendizado (ROGERS, 1985).

Claramente, dentro do âmbito escolar, há práticas que necessitam ser lúdico e estas por meio dos jogos e das brincadeiras permitem que a criança se veja como parte integrante do seu meio, além de despertar o desejo de participar e buscar por novos conhecimentos, amenizando os sofrimentos psíquicos (PICELLI e GOMES, 2009).

Devido a isso, um dos princípios da ludo terapia é aceitar a criança exatamente como ela é; visto que o terapeuta não deve julgar as atitudes do cliente e sim ajudá-lo em suas demandas (AXLINE, 1972).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa foi realizada com pais, professores e com 05 alunos, entre a faixa etária de 09 a 12 anos. Com os pais e professores foram utilizadas técnicas individuais, e com os alunos, ora com técnicas individuais, ora com intervenções em grupo. Foram realizadas técnicas de aprendizagem centrada no aluno, com 05 alunos, sendo 03 matriculados na Classe Especial e 02 matriculados na sala regular, porém frequentam a Sala de Recursos Multifuncional, de uma Escola Municipal de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos - EJA – do município de Maria Helena – PR. Como procedimentos foram utilizados aplicação da anamnese com os pais, entrevista com os professores sobre o processo ensino-aprendizagem dos alunos envolvidos nessa pesquisa, aplicado algumas atividades educacionais, com objetivo da criança ler e escrever, técnicas com desenhos propostos e livres, técnicas de colagens, aplicação de jogos de tabuleiro e jogos de regras, além da aplicação de dois instrumentos psicométricos de inteligência não verbal no início e final da pesquisa como uma maneira de comparar os resultados em seu nível cognitivo.

3.1 LOCAL DA PESQUISA

Este trabalho de pesquisa foi desenvolvido numa Escola Municipal de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos do município de Maria Helena no Paraná.

3.2 TIPO DE PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa de campo, embasada em análise descritiva em resultados qualitativos e quantitativos. De acordo com Gil (2008), a pesquisa descritiva visa caracterizar por meio de descrições os fenômenos estudados com certa população, podendo ser utilizado o uso da coleta de dados por meio de questionários e outras técnicas. Os resultados quantitativos foram por meio de levantamento de dados e a relevância dos mesmos; e qualitativos não tem a relação com números, passando a observar a realidade como objeto de estudo, com inúmeras interpretações realizadas pelo pesquisador (DALFOVO; LANA; SILVEIRA, 2008).

3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

A pesquisa foi realizada com os pais para a realização da anamnese. Com os professores responsáveis realizou-se a entrevista para conhecer o processo ensino-aprendizagem. A aplicação das técnicas foi realizada com 05 alunos, sendo 03 do sexo feminino e 02 do sexo masculino, entre a faixa etária de 09 a 12 anos de idade. Desses alunos, 03 matriculados na classe especial e 02 alunos matriculados na sala regular comum, porém frequentam a sala de recursos Multifuncional. A pesquisa ocorreu de modo intencional, pois esses alunos foram escolhidos devido as suas dificuldades de aprendizagem, salientando a importância de ser realizado um estudo com essas crianças.

3.4 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A anamnese com os pais, a entrevista com os professores e os instrumentos com psicométricos foram aplicados individualmente. Outras técnicas (desenhos, colagens, jogos de regras e tabuleiro) com os alunos realizou-se em grupo,

trabalhando a socialização, e explorando o lúdico para buscar um aperfeiçoamento da aprendizagem.

Os dados desta pesquisa foram coletados a partir da análise realizada pela anamnese, entrevista com o professor, e as técnicas de aprendizagem centrada no aluno, realizadas com os alunos participantes desta pesquisa, para observar o que o lúdico tem a nos contribuir nesse processo ensino-aprendizagem. Os alunos participantes desta pesquisa, 03 matriculados na Classe Especial e 02 matriculados na sala regular e frequentando a Sala de Recursos Multifuncional em contra turno.

Os dados foram analisados mediante os procedimentos realizados e intervenções centradas no aluno, sendo após apresentados por meio de resultados de caráter descritivo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo objetivou trabalhar com crianças que apresentassem dificuldades significativas de aprendizagem, vindo estas interferir no processo ensino-aprendizagem. Weiss em seu livro “Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar” ressalta que o fracasso escolar não é pertencente somente do aluno, tendo a escola uma participação nestes resultados (WEISS, 2001).

Para iniciarmos a análise da relação com a psicologia humanista e a ludicidade no contexto escolar, iniciou-se o procedimento com a anamnese com a família da criança. Weiss (2001) ressalta que a técnica da anamnese se torna um dos pontos imprescindíveis para um resultado favorável, nos levando a conhecer a criança como um todo, e por meio das informações trazidas pela família, nos permite explorar a historicidade da criança e de sua família.

Barros (2009) aponta que a primeira instituição social da criança se dá por meio dos laços afetivos construídos com a sua família, sendo sua primeira interação dialógica, acreditando ser o alicerce dos indivíduos em sua relação familiar, evidenciando a construção da moralidade, a forma de pensar, a emotividade. Peixoto (2012) retrata que na teoria rogeriana o indivíduo está em constantes transformações a todo o momento, vindo a desenvolver também a sua autonomia, criatividade e afetividade no seio familiar.

Pode-se analisar durante a anamnese que das 05 famílias entrevistadas todas vieram ausentes da figura paterna no atendimento, 03 alegando que o pai não poderia se ausentar do trabalho para estar na escola, 01 devido à separação, morando em outra cidade, 01 por ser falecido.

Barros (2009) salienta que a família ao desempenhar o seu papel no ambiente escolar colabora para que o aluno se sinta mais seguro, conseguindo conquistar o seu processo ensino-aprendizagem de modo satisfatório.

Voltando a análise da anamnese, a partir do momento em que o feto é gerado inicia o seu processo histórico. Em relação aos alunos, 03 mães não estavam planejando a gravidez e 02 as gravidezes foi planejada. Ao analisar, todas tiveram complicações enquanto gestantes, devido a problemas de saúde (hipotensão) ou até mesmo situações precárias de sobrevivência (alcooolismo, violência intrafamiliar, muitas brigas, desejo em abortar), sendo um fator que pode influenciar – até de modo inconscientemente – o progresso da aprendizagem (WEISS, 2001).

A dinâmica familiar é de suma importância para a criança, porém se essa dinâmica se encontra desestruturada, a mesma repercute no comportamento e no processo ensino-aprendizagem do aluno, acarretando defasagens escolares, gerando também situações críticas no seu desenvolvimento social. Dentre essas situações podemos citar “condições socioeconômicas da família, alcooolismo dos pais e a violência contra a criança, associados à dificuldade de aprendizagem” (BARROS, 2009, p. 97).

As crianças tendem a desenvolver comportamentos a essas situações e interferem em seu processo ensino-aprendizagem, em que condições socioeconômicas, a criança poderá desenvolver sentimentos angustiantes e baixa autoestima; e outras situações que podem causar sofrimentos psíquicos que são: a perda de emprego dos pais (sentimentos de ansiedade na criança); Alcooolismo (isolamento social, dificuldades em cumprir regras e normas); Violência (comportamentos agressivos ou retraídos na escola). Diante destas situações os professores necessitam estar atentos para ajudar o aluno a buscar a solução para os problemas e não os julgar (BARROS, 2009).

Outra questão que poderá ser analisada é referente ao histórico escolar do aluno, em que a família não tem conseguido dar uma atenção ao aprendizado das crianças, vindo os alunos ao setor educacional sem cumprir o compromisso das atividades fora do período escolar, percebendo que a família e escola não estão caminhando juntos. A família necessita ser informada sobre as condutas ideais para o sucesso escolar da criança, como também passar a conhecer comportamentos

positivos e negativos que venham influenciar no processo cognitivo, psicológico e social do ser em desenvolvimento (BARROS, 2009).

Weiss (2001) ressalta que a primeira perspectiva em relação ao fracasso escolar diz respeito ao seu meio social, que pode contribuir para o fracasso escolar do aluno está inserido em seu contexto familiar, pelo fato da família não contribuir para o seu crescimento pessoal.

Em relação às outras demandas da anamnese, Linguagem (balbucio, primeiras palavras, Desenvolvimento Psicomotor (engatinhar, andar), Controle dos esfínteres (vesical, anal), Sono, especificaram com as suas informações, notando uma normalidade no desenvolvimento da criança).

Na entrevista com os professores, a queixa principal é a dificuldade de aprendizagem acompanhada de desatenção, que venha a interferir no processo ensino-aprendizagem, descrevendo a dificuldade da escrita e da leitura. O aluno 1 nas sessões lúdicas centradas na aprendizagem não apresentou noções de leitura e escrita, não reconhecendo algumas letras do alfabeto, o que vinha te prejudicar em realizar a junção silábica. A aluna 2 não realiza o processo da leitura e não reconhece todas as letras, vindo a prejudicar a sua escrita, não conseguindo escrever o nome. O aluno 3 não realiza o processo de leitura, não emitindo as junções silábicas, não estabelecendo a sua escrita. A aluna 4 apresenta menos dificuldade em relação aos outros, mas ainda apresenta uma leitura silabada e escrita com muitos erros ortográficos. A aluna 5 realiza o processo de leitura de modo silabado e a escrita com poucos erros.

Diariamente, as reclamações dos professores em relação aos alunos são constantes, e Rogers (1985) ressalta que o professor necessita também aprender a ser um facilitador do crescimento pessoal, intervenção esta que necessita ser construído dia após dia, como uma forma também de saber lidar com as dificuldades presentes no setor educacional. O autor supracitado ainda complementa que o professor ao exercer um papel de facilitador do aprender, estabelece uma vinculação maior com os alunos, propondo aos mesmos a relação social com todos os alunos, desenvolvendo nas crianças habilidades na aprendizagem, além do mais, desenvolvendo uma ajuda recíproca entre os alunos. Esta reciprocidade entre os estudantes provoca sentimentos ambíguos, de colaboração e cooperação, proporcionando um espaço de maior aceitabilidade.

O objetivo desse trabalho é observar se a ludicidade em conjunto com as atitudes facilitadoras de Carl Rogers, venha a contribuir no processo ensino-aprendizagem das crianças avaliadas nesse estudo. O profissional que exerce sua função num trabalho com crianças, ainda mais no setor educacional, necessita desempenhar um tempo para proporcionar as mesmas um espaço de interação através de brincadeiras (WEISS, 2001). Além do mais, a mesma autora acrescenta que o processo da ludicidade é de suma relevância na avaliação psicoeducacional, conhecendo e organizando o desenvolvimento cognitivo e social, desempenhando com as técnicas o construto da afetividade.

Axline (1972) destaca que as sessões de ludo terapia referente aos problemas de aprendizagem se mostram de maneira eficaz para resolver esses problemas, compartilhando para a criança atividades para explorar seus sentimentos, libertar suas emoções, sendo que, ao término da psicoterapia, as mesmas conseguem alcançar maturidade suficiente para a realização dos trabalhos escolares. Segundo Tassinari (s/d) o brincar na psicoterapia infantil já indicava a importância de estabelecer um contato no mundo interno da criança, sendo assim, denominado ludo terapia.

As técnicas lúdicas foram aplicadas em grupo, com o objetivo de promover a essas crianças um espaço interacional entre elas e a psicóloga escolar, além do mais, observar como está estruturado a sua formação social. Rogers (1985), em seu livro *“Liberdade para aprender”* cita que o trabalho em grupo permite que os envolvidos se expressem com mais facilidade, obtendo uma maior relação dialógica entre os membros, construindo em cada ser o seu autoconhecimento ao estabelecer uma relação de confiança na relação grupal, permitindo que todos adquiram maturidade para aceitar cada pessoa da maneira como é, sendo formados conceitos das condutas facilitadoras.

Como sessões lúdicas, foram desenvolvidas técnicas projetivas por meio de desenhos e colagens, em que um dos desenhos a intervenção fora direcionada, solicitado para cada criança desenhar a sua família. Observei que alguns alunos resistiram em expressar no desenho o sentimento pela família, tendo um aluno, esquecido de desenhar a sua figura no seu meio familiar, é como se não se sentisse pertencente como membro de sua família. As crianças necessitam melhorar o traço, não possuindo coordenação motora fina, além de obter traços imaturos de desenhos. Outra questão a ser trabalhada que as relações afetivas com a família

não estão construídas em sua totalidade, sendo que, o desenho da família permite que a criança expresse a sua percepção em relação ao seu meio familiar e a sua convivência com os membros da família (WEISS, 2001).

Em outra sessão foi proposto um desenho livre, em que foram perceptíveis como as crianças se sentiram mais à vontade, conseguindo se expressar com mais facilidade os sentimentos em relação aos desenhos. A criança no desenho dirigido apresentou sinais de insegurança, demonstrando que não iriam atender ao solicitado da terapeuta. Fizeram os desenhos mais voltados ao próprio eu. As verbalizações sobre os desenhos não foram bem estabelecidas, sendo apresentados sentimentos de introspecção, não demonstrando serem alunos participativos, ou que a própria sala de aula não promova isso para a criança, não tendo o professor o papel de encorajar os alunos.

Weiss (2001) especifica que o desenho se torna uma técnica de grande importância para chegarmos a uma avaliação concreta do que venha a ser a estrutura social, cognitiva da criança em desenvolvimento, pois, os recursos expressivos facilitam na expressão dos sentimentos do cliente e, além do mais, o recurso expressivo não possui objetivo e sim é trabalhado conforme a necessidade do cliente no momento da psicoterapia (TASSINARI, s/d).

Os jogos também oportunizaram um espaço de interação lúdica com as crianças, em que foram utilizados jogos de tabuleiro e de regras. Na aplicação das sessões duas das cinco crianças tiveram muita dificuldade em aceitar as regras do jogo, não aceitando ser contrariados, como também burlavam as regras constantemente quando viam que não estavam tendo resultados favoráveis, evidenciando o desejo em ganhar.

No decorrer das aplicações foram trabalhadas todas essas questões, visto que, no decorrer da aplicação com jogos, essas questões foram amenizadas. O jogo de regra, através do jogo UNO, trabalhou bem as questões da atenção e concentração, exigindo agilidade no ato de jogar. Algumas crianças tiveram dificuldade de raciocínio, exigindo um tempo maior para a intervenção. O jogo de tabuleiro "O jogo da vida" permite ao aluno manter a concentração em relação às regras, como também, evidenciar as questões a serem trabalhadas em sala de aula, através da escrita, leitura e matemática.

Nos jogos, as crianças pediram pela interação com o terapeuta, em que essa participação fora estabelecida nos jogos de regra. Já no jogo de tabuleiro, a

intervenção necessitou mais o envolvimento do terapeuta, em relação à ajuda, auxiliando a criança a compreender o jogo em seu decorrer. Corrêa ressalta que “a relação estabelecida entre a criança e o ludo terapeuta, no decorrer do tempo, se transformará em um relacionamento, que resultará para a criança, em uma oportunidade para reestruturar sua vida” (CORRÊA, 2000, p. 03).

Para finalizar e concluir a análise foram aplicados no início e final de pesquisa dois instrumentos psicométricos de escala de inteligência como uma maneira de comparar os resultados cognitivos do modo reflexivo e indutivo, sendo utilizadas as escalas de medição do R-2 Teste não verbal de inteligência e Matrizes Progressivas Coloridas de Raven, sendo estes desenvolvidos com as crianças em aplicação individual.

O primeiro instrumento psicométrico, intitulado “R-2 – Teste de Inteligência não verbal” teve como objetivo avaliar a capacidade intelectual da criança em compreender novas situações, bem como, analisar a retenção e assimilação dos conteúdos explorados no modo reflexivo e indutivo, nas variedades de tarefas que se pressupõe serem uma amostragem adequada das funções intelectuais mais importantes (ROSA e ALVES, 2000).

O segundo instrumento psicométrico, com o título “Matrizes Progressivas Coloridas de Raven”, se caracteriza de um teste de inteligência não verbal, que exige da criança observação e clareza de pensamento buscando avaliar com maior precisão os processos intelectuais de crianças pequenas; podendo este teste ser realizado em pessoas idosas e deficientes intelectuais (ANGELINI *et al.*, 1999). Como resultado comparativo da intervenção avaliativa, tem-se a apresentação comparativa que pode ser vista na Tabela 1.

Tabela 1 – Classificação dos Alunos nos Instrumentos Psicométricos.

Aluno	Instrumento R-2 1^a e 2^a aplicação	Instrumento Raven 1^a e 2^a aplicação	Raciocínio
1	Médio / Médio Inferior	Médio Superior / Médio Superior	Reflexivo
2	Médio / Deficiência Intelectual	Médio Inferior / Médio Inferior	Indutivo
3	Médio Inferior / Médio Inferior	Médio / Médio	Reflexivo
4	Médio Inferior / Médio	Médio Inferior / Médio	Reflexivo
5	Médio / Médio	Médio / Médio	Reflexivo

Fonte: Autora, 2018.

* Dados comparativos da primeira e segunda aplicação

Ao observar a comparação exposta na Tabela 1, percebe-se que alguns alunos progrediram, mantiveram ou regrediram em relação ao seu desenvolvimento cognitivo. Porém, a escola, em conjunto com a equipe pedagógica necessita saber lidar com os progressos e retrocessos do processo ensino-aprendizagem do aluno, pois situações emocionais possam vir a interferir em seu papel de aluno (WEISS, 2001).

No caso da aluna 2, a sua oscilação da classificação da cognição houve um retrocesso, sendo que a mesma perdera a sua figura paterna recentemente, vindo a contribuir para que o seu emocional esteja abalado.

Devido a esses resultados através de aplicação de testes psicométricos, Rogers especifica que o diagnóstico levantado por meio de testes é um resultado que não considera fidedigno, não sendo considerado como uma ferramenta exemplar na abordagem centrada na pessoa, pois, o instrumento é visto pelo autor como rótulos criados para o indivíduo (MIRANDA, 2009). A mesma autora continua a expressar que Carl Rogers mantém sua resistência em relação aos resultados do instrumento psicométrico pelo fato de compreender que o ser humano direciona o seu próprio caminho, construindo a sua própria autonomia. Rogers (2009) salienta que no processo terapêutico, o indivíduo se torna realmente quem ele quer ser.

Esse trabalho de pesquisa, se pode perceber que os resultados favoráveis em relação à criança estiveram voltados mais na prática lúdica, no que na avaliação realizada com bases comparativas em seu nível cognitivo, podendo-se ainda notar que no processo da ludicidade a criança conseguiu expressar com muita mais facilidade as suas emoções, colaborando na construção de sua autonomia.

Nesse estudo realizado com os alunos também fora possível observar os progressos dos alunos em sete estágios de desenvolvimento citados por Rogers. Rogers (2009) no livro "Tornar-se Pessoa", tentam explicar de forma clara os sete estágios do processo, sendo que este produz sucesso na relação cliente-terapeuta, ou em outras relações vivenciadas, no qual o indivíduo muda da fixidez para a fluidez, ou seja, muda de um ponto estático para um ponto em movimento. Com isso, no decorrer desses estágios, ocorre a capacidade de determinar o ponto em que o cliente se encontra e estabelecer um contínuo na mudança da personalidade.

No primeiro estágio, o indivíduo se identifica como um ser humano que se encontra na fixidez e, dessa forma, não virá com boa vontade para a terapia, não

estará seguro para o processo terapêutico (ROGERS, 2009). No início desse estudo, os alunos resistiram muitos sempre perguntando o que estavam fazendo ali, estando desmotivados em relação ao trabalho.

No segundo estágio a pessoa é beneficiada por um clima de aceitação, sem obrigação de tomar alguma iniciativa da parte pessoal e em cada situação de aceitação, nota-se que se toma mais maleável e fluida (ROGERS, 2009). Aconteceu quando houve uma aceitação do aluno, mesmo advindos com suas dificuldades, o mesmo fora compreendido em uma forma de amor incondicional.

No terceiro estágio do processo terapêutico, se no cliente houver o início do fluxo que não foi bloqueado no segundo estágio e o mesmo sentir um clima de aceitação estabelecido pelo seu terapeuta, ocorre uma maior fluência na expressividade simbólica (ROGERS, 2009). Nesse terceiro estágio, foi percebida uma melhor interação com o psicólogo escolar, tanto com o grupo em si, havendo uma vinculação construída. Essa interação contribuiu para uma evolução para o quarto estágio, quando o cliente sente que está sendo compreendido e aceito em vários aspectos da sua experiência ocorrida no terceiro estágio, estabelece uma maleabilidade gradual nos seus construtos e obtendo mais liberdade para a expressividade dos sentimentos, caracterizadas como um movimento contínuo. Nesse estágio as crianças iniciaram um olhar de aceitação com o grupo todo, compreendendo as suas dificuldades, e não acompanhados de criticidades.

Evoluindo para o quinto estágio, as pessoas envolvidas ao se sentirem aceitos, sem obter julgamentos de suas expressões, comportamentos, proporciona na relação maiores construtos, visto que, ocorrerá uma maior liberdade no seu organismo (ROGERS, 2009).

O autor acima supracitado ressalta que no sexto estágio, a aceitação incondicional e a compreensão do eu ocorrer de forma progressiva, à relação interacional entre as pessoas, o indivíduo conseguirá construir sua autonomia. Ao conquistar o progresso do sétimo estágio, o indivíduo não necessita se sentir aceito, conseguindo se manter firme sozinho sem a intervenção terapêutica e do grupo.

Analisando esses estágios de progressão, as crianças aqui analisadas, conquistou o sexto estágio, tendo a necessidade do trabalho continuar para que o progresso ao sétimo estágio ocorra, assim eles poderão adquirir conhecimentos suficientes para o sucesso escolar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo foi possível perceber que a criança necessita ser olhada como um todo, buscando conhecer o mundo ao seu redor, suas bases familiares, até mesmo o seu próprio eu. As crianças participantes desse estudo não haviam construído o autoconhecimento, desvalorizando a sua história, ou até mesmo não a conhecendo, mantendo uma desorganização de sentimentos, pensamentos. Esta desorganização e a falta de conhecimento do eu, contribuem para que o processo ensino-aprendizagem não seja estabelecido, pois há problemas emocionais que estejam invadindo a sua vida, não permitindo que venha a desenvolver o seu sucesso escolar.

Devido a isso, a intervenção do olhar centrado no aluno é um olhar facilitador para entender o aluno como um todo. Essa intervenção de Carl Rogers, por meio das atitudes facilitadoras, faz com que a relação interacional seja construída com mais facilidade e propicie nas crianças o sentimento de pertencimento ao meio social.

Quem se relaciona com a criança, ao desempenhar o seu papel de autenticidade, permite que a confiança seja inserida na vinculação, e ao ser estabelecido, há um favorecimento da construção de seres mais confiantes.

A criança em todos os seus contextos necessita ter o sentimento de que está sendo aceita, e essa aceitação não pode estar excluída do setor educacional, sendo que o professor ao aceitar a criança como ela é, independentemente de suas

dificuldades, permite que a criança também possa aprender a desempenhar a prática da aceitação com as pessoas ao seu redor.

Diante dessas atitudes facilitadoras, há aquela que proporciona um momento mágico na relação, sendo a relação empática, permitindo que o indivíduo se coloque no lugar do outro para entender as suas dificuldades e seus sentimentos.

A contribuição da ludicidade mostrou-se como uma técnica fundamental para trabalhar as dificuldades de aprendizagem do setor educacional, porém o brincar tem estado um pouco distante da vida da criança, não tendo o professor o olhar de que o lúdico seria um estimulador para a melhoria do processo ensino-aprendizagem, como também para outros sentimentos a serem trabalhados. Steinle (2013) expressa logo na introdução, uma citação de Carlos Drummond de Andrade, que nos ajuda a compreender a facilitação do trabalho pedagógico em conjunto com a ludicidade. A citação expressa:

Brincar com as crianças não é perder tempo, é ganhá-lo. Se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem.

(Carlos Drummond de Andrade)

No ambiente escolar, muitos educadores têm criado uma resistência em relação ao brincar, não dando muita ênfase a essa prática, até mesmo mencionando que a arte do brincar não funciona no setor educacional. Vemos no dia-a-dia, alunos com feições desmotivadas, com salas de aulas sem interação, sentadas um atrás do outro, não havendo uma troca de conhecimentos.

Se os educadores soubessem como o brincar é um estimulador na construção de conhecimentos, com certeza, inseriam essa intervenção como um complemento de suas aulas.

A criança no brincar diz muito ao seu respeito, expressa suas angústias, sentimentos que muitas vezes não conseguem expressar. Isso não se difere no setor educacional, em que a criança no brincar demonstra ao professor e expressa através das intervenções lúdicas suas dificuldades, que muitas vezes estão veladas, impedindo de verbalizá-las.

No setor educacional, a avaliação psicológica se faz presente, com a utilização dos instrumentos psicométricos, sendo estes instrumentos fidedignos e

embasados em um caráter científico de estudo, em que os instrumentos de inteligência têm o intuito de visualizar o nível cognitivo dos alunos. No entanto, a avaliação não se pode basear somente nos resultados considerados dos instrumentos psicométricos, pois não estaríamos entendendo a criança em seus contextos sociais, como também não proporcionaríamos o seu autoconhecimento.

Com este estudo, foi perceptível como o olhar centrado no aluno e as práticas lúdicas que contribuíram para o progresso dos alunos participantes. As professoras observaram essa melhora. As intervenções darão continuidade, sendo que mesmo os alunos tendo adquirido sua melhora, ainda não conseguem sozinhos a lidar com todas as dificuldades. Essa prática será aplicada para outros alunos, como uma forma de propor espaços interacionais que venham organizar seus sentimentos e alcançar o sucesso escolar. Para finalizar, que os professores brinquem mais pedagogicamente, proporcionando espaços interacionais entre os alunos, e que tenham afetividade e aceitação incondicional em sua prática de ensino, sendo mediadores favoráveis na relação professor-aluno.

REFERÊNCIAS

ANDRADA, E. G. C. de. Focos de intervenção em psicologia escolar. **Psicol. Esc. Educ.**, v. 9, n. 1, Campinas, jun./2005a.

_____. Novos Paradigmas na prática do psicólogo escolar. **Psicologia: reflexão e crítica**, vol. 18, n. 2, p. 196-199, 2005b.

ANGELINI, A. L. ET AL. **Matrizes progressivas coloridas de Raven: escala especial**. São Paulo: Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia, 1999.

AXLINE, V. M. **Ludoterapia**. Belo Horizonte: Interlivros, 1972.

AXLINE, V. M. **Dibs em busca de si mesmo**. Rio de Janeiro: Agir, 2003.

BARBOSA, R. A. D.; BARROS, B. P. de. A abordagem rogeriana como uma possibilidade de intervenção, prevenção e combate ao bullying. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 11, n. 1, jan./mar., 2016.

BARROS, M. S. F. A importância da família no processo de formação e desenvolvimento da criança na idade escolar. In: CAMARGO, J. S.; ROSIN, S. M. (Orgs.). **Psicologia da aprendizagem**. 2ª edição. Maringá: Eduem, 2009.

BOAINAIN JUNIOR, E. **Tornar-se transpessoal: transcendência e espiritualidade na obra de Carl Rogers**. São Paulo: Summus, 1998. cap. I.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Editora Saraiva, 2002.

BRASIL. Lei nº 4.119, de 27 de agosto de 1962. **Dispõe sobre os cursos de formação em psicologia e regulamenta a profissão de psicólogo**. Brasília. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L4119.htm>. Acesso em 10 mai 2018.

CAMARGO, J. S.; COSTA, L. P. Conversando com professores sobre (in)disciplina na relação professor-aluno. In: CAMARGO, J. S.; ROSIN, S. M. (Orgs.). **Psicologia da aprendizagem**. 2ª edição. Maringá: Eduem, 2009.

CARRENHO, E. **Raiva seu bem, seu mal**. São Paulo: Editora Vida, 2005.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (2007). **Resolução CFP N.º 013/2007 - Consolidação das resoluções relativas ao título profissional de especialista em psicologia**. Brasília, 2007. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/Resolucao_CFP_nx_013-2007.pdf>. Acesso em: 10 mai 2018.

CORRÊA, D. de L. **Ludoterapia Centrada na Pessoa ou a Psicoterapia infantil através da abordagem centrada na pessoa e da arteterapia.** Mini curso ministrado durante o II Encontro de Psicologia Humanista do Interior de São Paulo: Campinas, 20 a 23 de abril de 2000.

CORRÊA, D. de L. Ludoterapia centrada na pessoa. In: KLÖCKNER, F. C. de S. (Org). **Abordagem centrada na pessoa: a psicologia humanista em diferentes contextos.** Londrina: EdUniFil, 2009.

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v. 2, n. 4, p. 01-13, Sem.II, 2008. Disponível em: <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/metodos_quantitativos_e_qualitativos_um_resgate_teorico.pdf>. Acesso em: 17 mai. 2018.

DOXSEY, J. R. Aprendizagem e educação centrada na pessoa: o desafio da síntese de seus princípios. In: KLÖCKNER, F. C. de S. (Org). **Abordagem centrada na pessoa: a psicologia humanista em diferentes contextos.** Londrina: EdUniFil, 2009.

FREIRE, E. Psicoterapia centrada na pessoa: uma jornada em busca da auto-realização e plenitude. In: KLÖCKNER, F. C. de S. (Org). **Abordagem centrada na pessoa: a psicologia humanista em diferentes contextos.** Londrina: EdUniFil, 2009.

FREIRE, E.; TAMBARA, N. **Terapia centrada no cliente: teoria e prática: um caminho sem volta.** Porto Alegre: Delphos, 2007.

GIL, R. L. **Tipos de pesquisas.** Licenciatura em Ciências Biológicas. Disciplina de Pesquisa do Ensino de Ciências e Biologia, 2008 Disponível: <<https://wp.ufpel.edu.br/ecb/files/2009/09/Tipos-de-Pesquisa.pdf>>. Acesso em: 10 mai 2018.

GUSMÃO, Sonia Maria Lima de. **Ousando ser feliz: temas de psicologia humanista.** João Pessoa: UFPB, 1999.

JUSTO, H. **Cresça e faça crescer.** Canoas: La Salle, 1987.

MIRANDA, C. S. N. de. Fotografias do uso do diagnóstico. **Rev. Nufen**, v. 1, n. 2, p. 20-32, 2009. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rnufen/v1n2/a03.pdf>>. Acesso em 17 mai de 2018.

OAKLANDER, V. **Descobrendo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. São Paulo: Summus, 1980.

PEIXOTO, D. C. F. **Afetividade e aprendizagem: uma união necessária para a educação**. Curso de Pós-graduação em Psicopedagogia (Universidade Candido Mendes), Niteroi, 2012. Disponível em:<http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/n204768.pdf>. Acesso em 10 mar 2018.

PICELLI, L. A.; GOMES, M. F. O brinquedo, o jogo e a brincadeira. In: CAMARGO, J. S.; ROSIN, S. M. (Orgs.). **Psicologia da aprendizagem**. 2ª edição. Maringá: Eduem, 2009.

ROGERS, C. R. **Um jeito de ser**. São Paulo: Editora EPU, 1983.

ROGERS, C. R. **Liberdade de aprender em nossa década**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

ROGERS, C. R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2009.

ROSA, H. R.; ALVES, I. C. B. **Teste Não verbal de inteligência para crianças de Reynaldo de Oliveira**. São Paulo: Vetor, 2000.

SANTOS, A. M. dos. et al. **Quando fala o coração: a essência da psicoterapia centrada na pessoa**. São Paulo: Vetor, 2004.

SANTOS, G. F. dos; LOPES, A. C. B; ROCHA, B. T. S. da. Uma volta na escola, uma volta na vida: vivências em Psicologia. **Revista Expressão Católica**, nº 2, v. 2, p. 144-78, jul./dez., 2013.

SILVANA, F. S. S.; OLIVEIRA, G. F. de. Psicologia e Educação Infantil: desafios atuais. **Id on Line Rev. Psic.**, v. 10, n. 33, supl. 2, jan., 2017.

STEINLE, M. C. B. O trabalho pedagógico presente na brincadeira de papeis sociais e a sua importância para o desenvolvimento da imaginação criadora no contexto da

educação infantil. **Nuances: estudos sobre educação**, v. 24, nº 1, pg. 110-126, jan./abr., Presidente Prudente, 2013.

TASSINARI, M. Recursos Expressivos em Psicoterapia (s/d). Disponível em: <<http://www.encontroacp.psc.br/artigos>>. Acesso em 04 abr 2018.

WEISS, M. L. L. **Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar**. 8ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A – ANAMNESE

ANAMNESE – ENTREVISTA COM PAIS E/OU RESPONSÁVEIS

I – IDENTIFICAÇÃO DO ALUNO(A):

Nome: _____

Data de Nascimento: _____ / _____ / _____ Idade: _____

Escola: _____ Ano: _____ Turma: _____

Naturalidade: _____

Nome do Pai: _____

Profissão: _____ Idade: _____

Nome da Mãe: _____

Profissão: _____ Idade: _____ Endereço

residencial: _____ Fone: _____

II - QUEIXA PRINCIPAL (início, providências tomadas)

III – COMPOSIÇÃO FAMILIAR:

NOME	IDADE	SEX O	ESTAD O CIVIL	GRAU DE PARENTESC O	INSTRUÇÃ O	LOCAL DE TRABALH O

Religião/Credo: _____

Motivo da solicitação da avaliação: _____

IV – DINÂMICA FAMILIAR:

Com quem o aluno reside: _____

Relacionamento dos pais entre si: _____

Relacionamento dos pais com os filhos: _____

Relacionamento entre os filhos: _____

Relacionamento geral entre os familiares: _____

V – CONCEPÇÃO

Gravidez Planejada? Sim () Não ()

Houve alguma complicação durante a gestação

Como foi o momento quando descobriu a gravidez?

VI – GESTAÇÃO

Exames de pré-natal? Sim () Não ()

Hemorragia _____ Ameaça de aborto _____

Enfermidade da mãe _____ Rubéola _____

Tempo de Gestação _____ Situação Emocional _____

VII – NASCIMENTO

Parto Normal? Sim () Não () Houve complicação no momento do parto?

Fórceps _____ Rápido _____ Demorado _____

Cesariana? Sim () Não () Houve complicação no momento da cesárea?

Chorou logo _____ Incubadora _____ Peso _____

VIII – DESENVOLVIMENTO:

Desenvolvimento Psicomotor (idade em que sustentou a cabeça, sentou sozinho, engatinhou, andou, controlou os esfíncteres – vesical e anal diurno e noturno, preferência manual...).

Linguagem (em que idade se deu o balbucio, as primeiras palavras/frases, problemas articulatorios, gagueira...).

Alimentação (período em que foi amamentado no seio/mamadeira, reações à introdução de outros tipos de alimentos, falta de apetite, alimenta-se em excesso, normal...).

Sono (calmo, agitado, fala durante o sono, sonambulismo, terror noturno, tipo de respiração enquanto dorme...).

Dorme sozinho? Sim () Não ()

Tem o seu próprio quarto? Sim () Não ()

Tem enurese? Sim () Não () Com que frequência?

Tem medo? Sim () Não ()

Manipulação e hábitos (fez uso de chupeta, chupa o dedo, roi unhas, tiques, movimentos involuntários, estereotípias, maneirismos, agitação motora, autoagressão, passividade...).

IX – SOCIABILIDADE (faz amigos com facilidade, diverte-se – como, quando e com

quem / mais velhos ou mais novos, atividades de lazer, comportamento nos ambientes em geral...), frequenta outros ambientes além da escola? Quais?

Quais as brincadeiras preferidas?

X – INFORMAÇÃO MÉDICA:

Visão: _____ Usa lente corretivas / óculos () Sim () Não

Audição: _____ Usa recurso auditivo/ Prótese auditiva () Sim () Não

Limitações físicas: _____

Saúde e geral: (Informações relevantes desde o nascimento até o momento)

Possui algum laudo médico? Toma alguma medicação de uso contínuo?

XI – ATENDIMENTOS COMPLEMENTARES (psicologia, fonoaudiologia, fisioterapia, psicopedagogia, acompanhamento neurológico ou psiquiátrico, entre outros):

XII – ATIVIDADES DE VIDA DIÁRIA: Hábitos de higiene (toma banho sozinho, se veste, calça meia, sapatos, se penteia, escova os dentes regularmente sozinho, têm cuidados com sua aparência pessoal e vestuário...).

Responsabilidade por tarefas do lar (especificar): _____

XIII – ANTECEDENTES FAMILIARES: (Doenças, deficiências, vícios, grau de parentesco, idade em que ocorreu, situação atual...).

XIV – HISTÓRICO ESCOLAR:

Creche/Escola/atendimento ou apoio especializado que frequentou:	Série / Ano escolar	Ano civil

Retenções: Sim () Não () Quantas: _____

Motivo da retenção: _____

Quais séries/anos: _____

Rendimento escolar (necessita de auxílio na execução de tarefas escolares em casa):

Desempenho escolar (avaliação da professora / interação com a professora):

Como é o seu comprometimento em relação a escola que seu filho estuda? (pergunta destinada para os pais)?

Comparece em reuniões ou quando a escola achar necessário? Sim () Não ()

Frequência à escola (gosta de vir, é assíduo). Já precisou ou fez uso da **FICHA FICA** ou acompanhamento pela **REDE DE PROTEÇÃO**?

XV – BOLSA FAMÍLIA OU BENEFÍCIO DE PRESTAÇÃO CONTINUADA – BPC

XVI – PARTICIPA DE OUTRAS ATIVIDADES EXTRAS: (cursos, projetos...).

XVII – QUAL A IMPORTÂNCIA QUE A FAMÍLIA DÁ PARA A EDUCAÇÃO ESCOLAR?

XVIII – OBSERVAÇÕES:

Entrevistador: _____ Função: _____

Entrevistado: _____

Parentesco: _____

APÊNDICE B – ENTREVISTA COM O PROFESSOR (A)

IDENTIFICAÇÃO DAS NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

I – Identificação do aluno:

Estabelecimento de Ensino: _____

Aluno(a): _____

Data da Avaliação: _____/_____/_____

D.N.: _____/_____/_____ Idade: _____ anos Série: _____ N° Repetências: ____

Filiação:

Pai: _____

Mãe: _____

II- Dados de Observação:

1. Queixa Principal – Relato do(s) Professor(es): fatores que têm contribuído para as dificuldades do aluno(a):

2. Descreva as estratégias utilizadas para sanar as dificuldades acadêmicas e defasagens encontradas (intervenções realizadas pelo(s) professor(es) e equipe pedagógica):

3. Caso o(a) aluno(a) tenha necessidades educacionais especiais, descrevê-las: (Apontar os encaminhamentos necessários e pertinentes que serão realizados na área da saúde)

III - Áreas a serem avaliadas: (descrever os dados relevantes a cada item mencionado)

Áreas do Desenvolvimento**Comportamento:****Como o(a) aluno(a) age dentro e fora de sala de aula:**

Relacionamento com o(s) professor(es);

Relacionamento com os colegas (se mostra solidário (a) com os colegas, é aceito(a) pelos colegas);

Faz uso de hábitos de polidez (gentileza, boas maneiras, reconhece seus erros);

Comporta-se devidamente na hora da entrada e saída;

Espera sua vez para falar;

Realiza as tarefas de casa, entregando-as nos prazos determinados;

É participativo(a), demonstra segurança;

Demonstra agressividade; impulsividade;

Respeita regras e ordens; apresenta limites;

Habilidades:

Consciência corporal (esquema corporal e conceito);

Memória e seqüência lógica – assimilação e retenção dos conteúdos;

Organização de idéias e pensamentos;

Coordenação motora global (fina, ampla...)

Orientação espaço temporal (**perto, longe, frente, atrás, em cima, embaixo, etc...**
Calendário: observar se o aluno identifica, nomeia e situa os dias da semana, meses, ano e estações do ano, datas comemorativas, estado do tempo, acontecimentos importantes, linha do tempo...);

Demonstra **perseverança** nas atividades propostas e as realiza com **criatividade**, com **ritmo** adequado (inicia e termina no **tempo previsto**);

Comunica-se e consegue se expressar com clareza; possui seqüência lógica;

Seu vocabulário e linguagem estão apropriados para sua idade; apresenta imaturidade;

Necessita de ajuda na execução das atividades;

Concentra-se nas atividades.

Áreas a serem avaliadas: (descrever os dados relevantes a cada item mencionado)

Área do Conhecimento: PORTUGUÊS

Linguagem:

É capaz de expor suas idéias verbalmente, de forma clara argumentando em defesa das mesmas;

Procura adequar sua fala a diferentes interlocutores em diferentes situações sociais;

Interpreta histórias lidas e ouvidas, buscando as idéias principais dos textos;

Emprega estruturas gramaticais variadas para expressar-se com fluência.

Escrita:

Sabe para que serve a escrita (orientar, informar, divertir, instruir, registrar, etc...);

Percebe a relação entre escrita e a fala;

Reconhece as letras do alfabeto utilizando-as na escrita;

Escreve de forma que possa ler, ainda que não escreva ortograficamente; Qual nível de aprendizagem se encontra no momento?

Escreve textos com pontuação ou ortografia convencional utilizando os recursos do sistema de pontuação;

Escreve corretamente seu nome completo;

Utiliza letra maiúscula no início de períodos e em nomes próprios;

Produz texto coerente com o tema, sequência lógica, paragrafação.

MATEMÁTICA

Números e operações:

Lê, escreve números naturais, ordena e relaciona à quantidade;

Faz seriação numérica, contagem de 1 em 1, de 2 em 2, etc...;

Tem noção de antecessor/ sucessor, par/ ímpar, igualdade/ desigualdade, ordem crescente/ decrescente;

Realiza operações de adição e subtração, com reservas e recursos;

Realiza operações de divisão e multiplicação simples e complexas;

Faz cálculo mental;

Elabora e resolve situações problemas, utilizando diferentes processos;

Interpreta dados apresentados por meio de tabelas e gráficos;

Reconhece e descreve as formas geométricas (círculo, quadrado, triângulo, retângulo);

Interpreta calendário anual (dia da semana, dia do mês, meses do ano, ano e estações do ano);

Lê horas no relógio analógico e no relógio digital;

Reconhece semelhanças e diferenças entre os objetos;

Reconhece e utiliza as unidades de medida (metro/ centímetro/ quilômetro, grama/ miligrama/ quilograma, litro/ mililitro, etc...);

Tem noção de conceitos básicos (grande/ pequeno, maior/ menor, igual/diferente, grosso/fino, alto/baixo, em cima/ embaixo, dentro/fora, curto/comprido, perto/ longe, frente/atrás);

]

Professor(a) Assinatura

Coordenador(a) Pedagógico(a) Assinatura

Coordenador(a) Pedagógico(a) Assinatura
